

# RECURSOS DESUMANOS

Copyright © Calmann-Lévy, 2010

Título original: *Cadres noirs*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

Publicado anteriormente no Brasil pela Editora Vestígio.

EDITORAS RESPONSÁVEIS *Flavia Lago Rejane Dias*

PREPARAÇÃO DE TEXTO *Cristina Antunes*

REVISÃO *Eduardo Soares*

CAPA *Diogo Droschi (sobre imagens de Manjik/Shutterstock e Ostill/Shutterstock)*

DIAGRAMAÇÃO *Waldênia Alvarenga*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP,  
Brasil**

Lemaitre, Pierre

Recursos desumanos : ele só queria um emprego de volta / Pierre Lemaitre ; tradução Zéfere. -- 2. ed. -

- São Paulo : Gutenberg, 2020.

Título original: *Cadres noirs*

ISBN: 978-65-86553-21-5

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) I. Título.

20-38894 CDD-843.0872

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa 843.0872

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

*Para Pascaline.*  
*Para Marie-Françoise, com todo meu afeto.*



*Faço parte de uma geração de má sorte, que se encontra num equilíbrio instável entre os tempos antigos e os tempos modernos e que não se sente à vontade nem aqui nem lá. Ademais, como já devem ter notado, sou um homem sem ilusões.*

G. Tomasi di Lampedusa, *O leopardo*

**ANTES**

# 1

Nunca fui um homem violento. Por mais longe que eu volte nas minhas lembranças, nunca quis matar ninguém. Uma ou outra crise de raiva, sim, mas nunca tive vontade de realmente machucar. De destruir. Então, necessariamente, isso me deixou surpreso. A violência é como o álcool ou o sexo, não é um fenômeno, mas um processo. A gente mal percebe e já está dentro, simplesmente porque chegou no ponto, porque isso acontece exatamente na hora certa. Eu sabia que estava morrendo de raiva, mas nunca imaginei que aquilo se transformaria num furor de tanta frieza. É isso que me deixa com medo.

E que tenha se voltado contra Mehmet, francamente...

Mehmet Pehlivan.

Ele é turco.

Faz dez anos que vive na França, mas tem menos vocabulário que uma criança de dez anos. Só sabe se expressar de duas formas: ou berra ou emburra. E, quando berra, mistura o francês com o turco. Ninguém entende nada, mas todo mundo consegue ver muito bem quem ele acha que a gente é. Na Transportadora Farmacêutica, onde eu trabalho, Mehmet é “supervisor” e, conforme uma regra vagamente darwiniana, cada vez que ele sobe de posto, logo passa a desprezar os antigos colegas e considerá-los mais ou menos como

vermes. Vi isso acontecer com bastante frequência durante minha carreira, e não somente com trabalhadores migrantes. Com muita gente que vinha do baixo escalão, na verdade. Basta subirem que eles se identificam com os chefões da empresa, com uma convicção tamanha que nem os próprios chefes sonham que existe. É a síndrome de Estocolmo aplicada ao mundo do trabalho. Atenção: Mehmet não se acha o chefe da empresa. Melhor ainda, quase: ele encarna, ele “é” o chefe nos momentos em que o chefe não está por perto. Claro que aqui, numa empresa que deve contar com uns duzentos assalariados, não há um chefão propriamente dito, somente chefes. Ora, Mehmet se sente importante demais para se identificar com um simples chefe. Aquilo com o que ele se identifica é uma espécie de abstração, um conceito superior que chama de Direção, o que é vazio de conteúdo (os diretores, aqui, ninguém conhece) mas cheio de sentido: a Direção, o mesmo que dizer o Caminho, a Via. À sua maneira, ao subir no escalão da responsabilidade, Mehmet se aproxima de Deus.

Eu começo às 5 horas da manhã, é o que a gente chama de trabalhinho ingrato (quando a gente emprega a palavra “trabalhinho”, sempre acrescenta o ingrato, por causa do salário). A tarefa consiste em fazer a triagem de pacotes de medicamentos que seguem depois para as farmácias do subúrbio. Eu mesmo não estava lá para ver, mas, antes de se tornar “supervisor”, parece que Mehmet fez isso durante oito anos. Hoje sente o maior orgulho por ter três vermes sob seu comando, o que não é pouca coisa.

O primeiro verme se chama Charles. Nome estranho para um sem-teto. Ele é um ano mais novo que eu, magro feito um palito e louco por uma birita. A gente fala que ele é sem-teto para facilitar, mas, na verdade, tem um domicílio. Fixo, mesmo. Ele mora no carro, que faz cinco anos que não anda mais. Brinca que é seu “autoimóvel”, típico do humor de Charles. Ele usa um relógio de mergulho do tamanho de um prato, com um monte de mostradores

diferentes. E com uma pulseira verde fluorescente. Não faço ideia do lugar de onde Charles veio nem de como foi chegar a esse ponto. Tem algo engraçado nele. Não sabe, por exemplo, por quanto tempo ficou inscrito nas listas de espera por um apartamento num HLM, uma habitação de locação moderada, mas conta com precisão o prazo decorrido desde que desistiu de renovar o pedido na prefeitura. Cinco anos, sete meses e dezessete dias na sua última contagem. O que Charles calcula é o tempo decorrido desde que perdeu toda a esperança de ser realojado. “A esperança — diz ele com o dedo em riste — é uma canalhice inventada por Lúcifer para que os homens aceitem pacientemente sua condição.” Não é frase dele, já ouvi isso em algum lugar. Procurei a citação, não achei. De qualquer forma, isso serve para mostrar que, por detrás do bebum, existe um Charles que é culto.

O outro verme é um cara jovem, Romain, um rapaz de Narbonne. Como tinha obtido certo sucesso no clube de teatro da escola onde fez o ensino médio, sonhou em se tornar ator e, logo depois do vestibular, subiu para Paris, mas nunca conseguiu receber nenhum cachê por causa do seu “r”, vibrante como o de D’Artagnan. Como o de Henri IV. Com esse sotaque escabroso, todo mundo ri quando ele diz: “Que não sendo quinhentos os que juntos saímos... três mil e tantos, quando o pé firmei no porto...”. Ele tomou aulas que não deram resultado nenhum. Foi fazendo um trabalhinho mais ingrato que o outro, para ainda poder se apresentar em cada uma das audições que apareciam, sem nunca ser escolhido. Um dia, entendeu que sua fantasia nunca iria se realizar. Romain, ator de cinema, caso perdido. Ainda por cima, a maior cidade que conhecia era Narbonne. Rapidamente, Paris cuidou de esmagá-lo, aniquilá-lo. Ele começou a sentir certo *spleen*, uma nostalgia da infância, uma saudade da sua região. Só que não quis voltar para casa de mãos vazias. Está tentando fazer seu pé de meia e agora só sonha com um papel, o do filho pródigo. Com esse único objetivo, vai acumulando

o máximo de trabalhinhos ingratos que consegue achar. Tem vocação para formiga. As horas que sobram para ele, passa no Second Life, no MSN, MySpace, Twitter, Facebook e num monte de outras redes, nesses lugares onde suponho que ninguém ouve seu sotaque. Segundo Charles, ele leva muito jeito com informática.

Meu turno é de três horas todos os dias pela manhã, o que me rende 585 euros, bruto (quando a gente fala de um salário ingrato, sempre acrescenta a palavra bruto, por causa da carga dos impostos a deduzir). Volto para casa lá pelas 9 horas. Se Nicole sai um pouco atrasada, a gente dá a sorte de se cruzar. Quando isso ocorre, ela me diz: “Estou atrasada” e me dá um beijo no nariz antes de bater a porta.

Então, hoje de manhã, Mehmet estava furioso. Como se sentindo pressionado. O que imaginei foi que a esposa não o tinha tratado bem. Estava andando rápido pela plataforma em que ficam alinhadas as caixas e os pacotes, num ritmo descoordenado. Segurava com tanta força a lista que tinha na mão que suas articulações chegavam a estar brancas. Dá para sentir que esse sujeito tem grandes responsabilidades e que seus problemas pessoais não caíam numa boa hora. Cheguei exatamente no meu horário, mas, logo que me viu, ele abriu o maior berreiro. Minha opinião é de que chegar no horário não é o bastante como prova de motivação. Ele chega pelo menos uma hora adiantado. Impossível compreender a integralidade da sua gritaria, mas captei o essencial, ou seja: que, para ele, eu sou um bunda-mole.

Apesar de Mehmet dar tanta importância para o serviço, o trabalho em si não é tão complicado. A gente faz a triagem dos pacotes, coloca tudo dentro de outras caixas, em cima de paletes. Normalmente os códigos das farmácias estão escritos bem grande nos pacotes, mas, às vezes, não sei por quê, vêm sem o número. Romain diz que deve ser um problema de configuração de impressora. Nesse caso, o código pode ser encontrado numa longa sequência de

caracteres impressos bem pequeno numa etiqueta. São os décimo, décimo segundo e décimo terceiro caracteres. Eu, que preciso dos meus óculos, acabo me atrapalhando todo. Tenho que pegar no bolso, colocar, baixar, contar os caracteres... Me faz perder um tempão. Se eu fosse visto fazendo aquilo, a Direção poderia se irritar. Pois é, justamente nessa manhã, o primeiro pacote que peguei estava sem o código. Mehmet começou a berrar. Eu me inclinei. Foi nesse momento que ele meteu o pé na minha bunda.

Era um pouco depois das 5 horas da manhã.

Eu me chamo Alain Delambre, tenho cinquenta e sete anos.

Sou um executivo desempregado.

## 2

No início, aceitei esse trabalho da manhã na Transportadora Farmacêutica para ter alguma ocupação. Pelo menos foi isso que eu disse para Nicole, mas nem ela nem as meninas caíram nessa. Na minha idade, ninguém acorda às 4 da manhã por 45% do salário mínimo, não com o único objetivo de mexer o esqueleto. É meio complicada essa história. Enfim, não, nem tanto assim. No início, a gente não precisava desse salário, agora sim.

Faz quatro anos que estou desempregado. Quatro anos em maio, na verdade (24 de maio, me lembro bem da data).

Como esse serviço não é suficiente para aparar as arestas do fim do mês, às vezes bastante ásperas, ainda faço uns bicos por aí. Faço umas horas carregando caixote, embalando coisa em plástico-bolha, distribuindo panfleto, fazendo faxina em escritórios de noite. Alguns trabalhos temporários também. Nos últimos dois anos, fui Papai Noel no Trouv'tout, uma loja especializada em eletrodomésticos usados. Nem sempre conto para Nicole o que faço, ela poderia se sentir mal. Vario as desculpas para justificar as ausências. Como é mais difícil no caso de algum serviço noturno, cheguei até a inventar uma roda de amigos desempregados que, supostamente, se reúne para jogar tarô. Digo para Nicole que isso me descansa os nervos.

Antes, eu era diretor de RH numa empresa de quase duzentos assalariados, me ocupava dos empregados, da formação do pessoal, supervisionava os salários, representava a direção diante do comitê empresarial. Trabalhava na Bercaud, uma empresa de bijuteria. Dezessete anos sem fazer nada de joia. Essa era a piada favorita de muita gente, viviam dizendo: “Nada é joia na Bercaud”. Tinha um monte de piadas assim, algumas bem legais, verdadeiras pérolas, só que de mentira... Digamos que eram brincadeiras corporativistas. Pararam de rir em março, quando anunciaram para nós que a Bercaud tinha sido comprada pelos belgas. Eu poderia ter competido com o diretor de RH do grupo belga, mas, quando fiquei sabendo que ele tinha trinta e oito anos, comecei, mentalmente, a juntar meus trapos. Digo “mentalmente” porque, no fundo, é mais que evidente que eu não estava pronto para fazer aquilo materialmente. Mas não demorou a ser preciso que eu o fizesse. A venda foi anunciada no dia 4 de março. A primeira leva foi demitida seis semanas mais tarde, eu fiz parte da segunda.

Em quatro anos, à medida que meus rendimentos foram sendo liquidados, meu estado de espírito passou da incredulidade à insegurança, depois à culpabilidade e, por fim, à sensação de injustiça. Hoje, eu me sinto é raivoso. Não é um sentimento muito positivo, a raiva. Quando chego na Transportadora e vejo a sobancelha peluda de Mehmet, aquele vulto longo de Charles cambaleando e penso em tudo por que tive de passar até aqui, uma raiva terrível se põe a rosnar dentro de mim. Eu não posso nem pensar nos anos que me aguardam, na minha aposentadoria comprometida pela baixa contribuição, na redução dos auxílios, no desespero que bate às vezes em mim e em Nicole. Não posso nem pensar nisso porque, por mais que eu me controle, sinto uns humores terroristas circularem no corpo.

Após quatro anos de convívio, claro que considero meu conselheiro do Polo Empregatício como alguém próximo.

Recentemente, deixando transparecer uma espécie de admiração na voz, ele me disse que eu era exemplar. O que quer dizer é que, mesmo desistindo da ideia de encontrar um trabalho, eu não desisti de procurar. Ele vê nisso um sinal de que tenho uma forte personalidade. Prefiro não desiludi-lo, ele tem trinta e sete anos, e é melhor que preserve suas ilusões o máximo possível. Mas me vejo, na verdade, submetido a algo mais semelhante a um reflexo animal. Procurar trabalho é como trabalhar: já que não fiz mais nada a vida inteira, isso ficou incrustado no meu sistema neurovegetativo, alguma coisa me empurra por necessidade, mas sem planos. Eu procuro trabalho como os cães farejam postes. Sem nenhuma ilusão, mas é mais forte que eu.

Foi assim que, uns dias atrás, respondi a um anúncio dos classificados. Uma agência de consultoria está em busca de um assistente de RH para uma megaempresa. O trabalho consiste em participar do recrutamento de pessoal para um cargo de alto escalão, estabelecer o perfil necessário para o posto, conduzir o processo de seleção e redigir os relatórios dos testes, participar da elaboração do resultado final, etc., é exatamente o que eu sei fazer, o que fiz durante anos na Bercaud. “Deve ser polivalente, metódico, rigoroso, dotado de qualidades relacionais.” É exatamente o meu retrato profissional.

Acabando de ler o anúncio, já juntei minhas fotocópias e enviei o currículo. Só que, evidentemente, não mencionaram nada sobre estarem ou não dispostos a contratar um sujeito da minha idade.

Porque não precisa nem dizer: é óbvio que a resposta é não.

Azar. Enviei minha candidatura mesmo assim. Fico em dúvida se não foi só para continuar merecendo a admiração do meu conselheiro do Polo Empregatício.

Quando Mehmet meteu o pé na minha bunda, como eu soltei um grito, todo mundo se virou para ver. Primeiro Romain, depois Charles, com muito mais dificuldade, porque já chega de manhã

com umas boas doses na cabeça. Me reergui num salto. Como um juvenzinho. Foi aí que me dei conta de que sou quase uma cabeça mais alto que Mehmet. Até então, como ele era o chefe, eu nunca tinha prestado atenção na sua altura. Nem mesmo Mehmet conseguia entender direito como tinha chegado a meter o pé na minha bunda. Parecia que sua crise de raiva tinha passado, vi seus lábios tremendo, seus olhos piscando e piscando e ele tentando encontrar o que dizer, não sei em que língua. E aí, fiz uma coisa pela primeira vez na vida: inclinei a cabeça para trás, bem devagar, como se estivesse admirando o teto da Capela Sistina, e trouxe ela de volta para a frente de uma só vez. Como vi fazerem na televisão. Charles, enquanto sem-teto, já levou muita porrada, conhece do assunto. “Um gesto com uma bela técnica” foi o que me disse. Para um iniciante, parece que o golpe foi bem dado. Espatifei o nariz de Mehmet com minha testa. Antes de sentir o choque dentro de mim, escutei um estralo sinistro. Mehmet berrou (em turco, dessa vez, tenho certeza), mas não pude realmente aproveitar da minha iniciativa, pois ele levou as mãos à cabeça imediatamente e caiu de joelhos. Geralmente, se fosse um filme, eu teria tomado um pouco de distância e enfiado um baita de um chute na sua cara, mas a dor que senti era tamanha que eu também levei as mãos à cabeça e caí de joelhos. Nós dois de joelhos, face a face, com as mãos na cabeça, inclinados para o chão. Tragédia no universo do trabalho. Grandiosa cena.

Romain foi correndo acudir, não lhe vinha à cabeça o que fazer. O sangue jorrava de Mehmet. A ambulância chegou em alguns minutos. Fizemos a ocorrência. Romain me disse que viu Mehmet metendo o pé na minha bunda, que ele era testemunha e que eu não precisava esquentar com aquilo. Eu não disse nada, mas minha experiência me faz pensar que, certamente, não vai ser tão simples assim. Fiquei com ânsia de vômito. Fui no banheiro. Para nada.

Na verdade, nada, não: vi no espelho que tinha me cortado e estava com um grande hematoma na testa. Eu estava lívido e meio perdido. Lastimável. Por um instante, tive a impressão de estar começando a parecer com Charles.

### 3

— Ora, ora...! O que aconteceu com você? — perguntou Nicole enquanto tocava no meu enorme hematoma da testa.

Não respondi. Estendi a carta para ela com um gesto bem desapegado e fui para o escritório, onde fiquei fingindo fuçar à procura de algo nas gavetas. Ela ficou olhando a carta um bom tempo: “Em resposta à correspondência que nos enviou, temos o prazer de lhe informar que sua candidatura ao cargo de assistente de recursos humanos foi recebida com bastante interesse. Dentro de alguns dias o senhor receberá a convocação para um teste de conhecimento que, apresentando um resultado concludente, será seguido de uma entrevista profissional”.

Pelo tempo que levou, acredito que ela leu várias vezes. Ela ainda estava com o casaco nos ombros quando a vi vindo em direção ao escritório e se encostando contra o umbral da porta. Estava segurando a carta. Inclinou a cabeça para a direita. É um gesto que costuma fazer que, de longe, é o meu preferido, junto com mais outros dois ou três. Parece até que ela sabe disso. Quando a vejo assim, nessa postura, me vejo reconfortado pela ideia de que essa mulher foi tocada pela graça. Há algo como um lamento nela, uma moleza, não sei como explicar, uma lentidão extraordinariamente sensual. Ela estava segurando a carta e olhando fixamente para mim. Ela estava

linda, ou extremamente atraente, enfim, tive uma vontade furiosa de pular em cima dela e transar. Para mim, o sexo sempre foi um antidepressivo potentíssimo.

No início, enquanto eu ainda não via no desemprego uma fatalidade, mas somente uma calamidade, ficava muito ansioso, pulava para cima de Nicole o tempo todo. A gente transava no quarto, no banheiro, no corredor. Nicole nunca disse não. Ela tem um quê de psicóloga, entendia que aquilo era minha maneira de verificar se eu ainda estava vivo. Em seguida, a ansiedade se transformou em angústia e o primeiro efeito visível dessa mudança foi eu ter ficado praticamente impotente. Nossas relações sexuais ficaram cada vez mais raras, difíceis. Nicole dá prova de que é carinhosa e paciente, o que me deixa ainda mais triste. Nosso termômetro sexual quebrou de vez. A gente finge que não percebe ou que acha que não tem nenhuma importância. Sei que Nicole ainda me ama, mas nossa vida se tornou bem mais difícil e não consigo evitar a ideia de que a gente não pode durar para sempre assim.

Por ora, ela está segurando a carta da BLC-Consultoria:

— Mas, meu amor — ela diz —, que extraordinário!

Na minha cabeça pensei que era absolutamente necessário pesquisar o autor daquela citação de Charles sobre Lúcifer e a esperança. Porque Nicole tinha razão. Uma carta como essa ultrapassa o ordinário e, na minha idade, tendo passado quatro anos sem trabalhar no meu ramo, por mais que a chance de eu obter o cargo não fosse nem de uma em três bilhões, eu e Nicole começamos a crer naquilo no mesmo instante. Como se os meses, os anos passados não tivessem nos ensinado nada. Como se fôssemos um par de esperançosos incuráveis.

Nicole veio na minha direção e me deu um daqueles beijos molhados que me deixam louco. Ela é corajosa. Não tem nada mais

difícil do que viver com um sujeito depressivo. A não ser, claro, ser, você mesmo, depressivo.

— Por acaso você sabe para quem eles estão recrutando? — perguntou Nicole.

Toquei na tela: o site da BLC-Consultoria apareceu. A sigla vem do fundador, Bertrand Lacoste. Cão de raça. O tipo de consultor que fatura 3.500 euros num só dia. Quando entrei na Bercaud, com todo o futuro pela frente (até mesmo alguns anos mais tarde, quando me inscrevi no superior profissionalizante de *coaching* do CNAM, o Centro Nacional de Artes e Ofícios), um consultor de alto nível, tipo Bertrand Lacoste, era exatamente o sujeito que eu queria me tornar: eficaz, sempre um passo à frente do seu interlocutor, propondo análises arrebatadoras e baterias de soluções administrativas para todas as situações que têm a ver com *management*. Não terminei meu curso no CNAM porque foi na mesma época que as meninas nasceram. Essa é a versão oficial. A versão de Nicole. Na realidade, eu não tinha talento o bastante para aquilo. No fundo, tinha a mentalidade de um assalariado.

Eu sou o protótipo do médio escalão.

Respondi a Nicole:

— O anúncio não especifica nada. Falam de uma empresa “líder industrial de alcance internacional”. No mais... A vaga é para Paris.

Nicole viu de passagem diante dos seus olhos as páginas da internet que eu tinha passado a tarde lendo, sites sobre padrões e regulamentos do trabalho, novas leis sobre aperfeiçoamento profissional. Ela sorriu. Tinha Post-it espalhado por toda minha mesa, anotações, folhas avulsas que eu tinha colado na borda das prateleiras da estante. Ela parecia só ter percebido agora o quanto eu tinha trabalhado o dia todo. Só que ela é dessas mulheres que notam imediatamente o mínimo detalhe da vida cotidiana. Se eu mudo um objeto de lugar, basta ela dar um passo no cômodo para perceber. A única vez que passei ela pra trás, já faz tempo (as meninas ainda

eram novinhas), descobriu na mesma noite. Embora eu tivesse tomado o maior cuidado. Ela não falou nada. O clima estava pesado. Quando a gente foi se deitar, foi o suficiente para ela me dizer com um jeito cansado:

— Alain, é melhor a gente não começar a entrar nessa...

Aí se enrolou em mim na cama. Nunca mais tocamos no assunto.

— Tenho menos de uma chance em mil.

Nicole coloca a carta da BLC-Consultoria na minha mesa.

— Não tem como você saber — diz ela tirando o casaco.

— Alguém da minha idade...

Ela vira para mim.

— Quantas pessoas você acha que se candidataram?

— Na minha opinião, umas trezentas.

— Para você, quantos foram convocados para o teste?

— Eu diria... uns quinze...

— Então, explique para mim por que é que selecionaram a SUA candidatura no meio de trezentas. Você acha que não viram sua idade? Você acha que isso passou despercebido?

Óbvio que não. Nicole tem razão. Passei metade da tarde moendo e remoendo todas as hipóteses possíveis. Todas elas trombam com um troço impossível: meu currículo fede a um cinquentão mais que rodado e, se eles estão me convocando, é porque alguma coisa ali lhes interessou.

Nicole tem muita paciência. Enquanto vai descascando cebolas e batatas, me escuta detalhar, teoricamente, todas as razões para que eu seja selecionado. Nicole ouve na minha voz a euforia que eu tento controlar, em vão. Faz mais de dois anos que não recebo uma carta dessas. No pior dos casos, não respondem e, no melhor, respondem me mandando para o inferno. Não me convocam mais, porque um sujeito como eu não é interessante para ninguém. Por isso que eu elaborei todo tipo de hipóteses a respeito da resposta da BLC-Consultoria. Acho que encontrei a mais plausível.

- Acho que é por causa dos incentivos.
- Que incentivos? — perguntou Nicole.

O plano de resgate ao profissional sênior. Parece que (se o governo tivesse me consultado, poderia ter evitado o desperdício com estudos provavelmente bastante custosos) o profissional sênior não trabalha mais o suficiente. E é claro que estamos falando aqui daqueles que, pelo menos, ainda trabalham. Parece que eles estão parando de trabalhar enquanto o país ainda precisa deles. Isso já é terrível, mas, pior ainda: tem sênior que quer trabalhar, e não acha emprego. Juntando os que não trabalham o suficiente com os que não trabalham de jeito nenhum, o sênior representa um grande problema para a sociedade. Então o governo vai ajudar todo esse mundinho. As empresas vão receber por estar acolhendo os idosos.

— Eles não estão interessados na minha experiência, e sim na exoneração de impostos e na conquista de incentivos.

Às vezes Nicole faz um negócio com a boca para insinuar certo ceticismo, avançando um pouco o queixo. Adoro quando ela faz isso também.

— Eu já acho — diz ela — que dinheiro, numa empresa dessas, é o que não falta e que eles não estão nem aí para incentivos governamentais.

A segunda parte da minha tarde foi consagrada ao esclarecimento dessa história de incentivos. E Nicole, de novo, está com a razão, esse argumento não se sustenta: a exoneração de encargos não dura senão alguns meses, os incentivos não cobrem senão uma pequena parcela do salário de um profissional do meu nível. E, ainda por cima, eles são regressivos.

Não, Nicole levou alguns minutos para chegar à mesma conclusão que me tomou um dia todo: se a BLC está me convocando, é porque está interessada na minha experiência.

Faz quatro anos que eu me mato para explicar para os patrões que um homem da minha idade está tão ativo quanto um mais jovem e

que experiência é sinônimo de economia. Mas isso é um argumento de jornalista, serve para a seção de “Empregos” das grandes revistas, já para os patrões, só serve para fazer rir. E, aqui, tenho a impressão de que, pela primeira vez, alguém realmente leu o que eu enviei e estudou minha candidatura. Só de imaginar, tenho a impressão de que vou botar pra quebrar.

Eu queria que a entrevista acontecesse aqui e agora, imediatamente, dá vontade de berrar.

Me contendo, óbvio.

— Nada de contar para as meninas, combinado?

Nicole concorda que é melhor assim. Para as meninas, ver o pai lutando por migalha é doloroso. Elas não falam nada, mas sei que é mais forte que elas: a imagem que tinham de mim se degradou. Não por causa do desemprego, não, por causa dos efeitos que o desemprego causou em mim. Envelheci, encolhi, entristeci. Fiquei chato. E tem mais, elas sequer sabem do meu emprego na Transportadora Farmacêutica. Não posso fomentar essa esperança de que vou ser contratado e, depois, ter de contar para elas que fracassei mais uma vez, é um preço alto demais a pagar.

Nicole me abraça forte. Delicadamente, toca com o indicador o galo na minha testa.

— Você vai me explicar ou não?

Dou o melhor de mim para fazer a anedota ficar mais saborosa. Tenho a certeza de estar sendo engraçado. Mas a ideia de que Mehmet meteu o pé na minha bunda não tem graça nenhuma para Nicole.

— Que desgraçado! Esse turco não é boa gente!

— Pois é, sua reação não foi nada europeia.

Mas, mais uma vez, minha piada não funciona tão bem quanto o esperado.

Nicole passa a mão no meu rosto, pensativa. É visível sua pena por mim. Tento me fazer de estoico. Mesmo assim, eu também sinto um

peso por dentro e compreendo, pelo simples toque da sua mão, que a gente entrou numa situação emotiva bem delicada.

Nicole olha para minha testa e diz:

— Tem certeza que essa história vai parar por aí?

Está decidido, da próxima vez me caso com uma idiota.

Mas Nicole me beija a boca.

— Tanto faz — ela diz. — Tenho certeza que esse trabalho vai ser seu. Certeza.

Fecho os olhos e rezo para que Charles, junto com essa sua história de Lúcifer e a esperança, não sejam nada mais do que uma sinistra canalhice.

## 4

A convocação da BLC-Consultoria caiu como uma bomba. Não durmo mais. Alternando entre euforia e pessimismo. O que quer que eu faça, meu espírito volta ao tema permanentemente e constrói todo tipo de enredo com ele, estou exausto.

Sexta-feira, Nicole passou parte do dia no site do centro de documentação em que trabalha e imprimiu para mim dezenas de folhas com informações jurídicas. Quatro anos sem muito contato, estou meio por fora. A legislação evoluiu bastante na minha área, principalmente no que concerne às demissões, algo que foi bem flexibilizado. A área da administração, do *management*, também está cheia de coisas novas. Os modos mudam com uma rapidez incrível. Todo mundo era doido por análise transacional cinco anos atrás, e hoje isso é pré-diluviano. Agora as febres são “*interim management*”, “responsividade setorial”, “identidade corporativa”, construção de “redes interpessoais”, “*benchmarking*”, “*networking*”... Mas, antes de tudo, falam de “valores” da empresa. Trabalhar não basta mais, é preciso “aderir”. Antes precisava concordar com a empresa, hoje precisa se fundir a ela. Ser um só com ela. Para mim, sem problema: me contrata que eu me fundo.

Nicole selecionou documentos, fiz fichas de estudo e, logo que a gente acorda, ela faz a sabatina. Como se fosse vestibular. Fico

andando de um lado para o outro no escritório, tento me concentrar. De tanto inventar técnicas de memorização, acabo confundindo tudo.

Nicole faz um chá e retorna para se aninhar no sofá, rodeada de papéis. Não tirou o penhoar. Isso acontece às vezes, sobretudo no inverno, quando ela está sem planos para o dia. Com uma camiseta caindo aos pedaços, meiões velhos que não formam par, Nicole tem o cheiro do sono e do chá, quente como um croissant e bela como o dia. Adoro essa sua entrega. Se eu não estivesse tão tenso com essa história toda, pularia em cima dela. Haja vista meus resultados atuais em matéria de sexo, prefiro me abster.

— Não mexa — diz Nicole ao me ver apalpando o hematoma.

De vez em quando nem lembro desse galo na testa, mas ele sempre tem a crueldade de me lembrar que existe quando me olho no espelho. Hoje de manhã, estava horrível. Roxo no meio e amarelo ao redor. Eu estava torcendo para dar uma impressão de virilidade, mas ficou mais parecendo sujeira. O médico da ambulância disse que vai levar uns oito dias. Quanto a Mehmet, com o nariz quebrado, dez dias de licença.

Na nossa ausência, os turnos das equipes foram rapidamente modificados, como paliativo. Telefonei para Romain, meu colega. Charles atendeu.

— Bagunçou o planejamento — me explica ele. — Romain veio de noite, eu vou ficar na tarde uns dois, três dias.

Outro supervisor está fazendo hora extra para substituir Mehmet, que já informou à empresa que pretende retomar o trabalho antes do previsto. Esse aí é um que não precisou de seminários sobre *management* e administração para aderir aos valores. O contramestre substituto explicou para Charles que a Direção não pode tolerar briga no local de trabalho. “Se um chefe de equipe vai parar na maca por repreender um subordinado, onde é que a gente vai parar?” foi o que o cara disse, ao que parece. Concretamente, não sei o que quer

dizer, mas, para mim, nem vale a pena saber. Nem toco no assunto com Nicole, para ela não ficar preocupada: se eu tiver a sorte de conseguir o trabalho da BLC, vou enfrentar essas dores de cabeça sorrindo.

— Amanhã vou passar uma base em você. — Nicole se diverte olhando para minha testa. — Não, é sério! Só um pouco, você vai ver.

A gente vai ver. Pelo menos, amanhã é o teste de conhecimento, não é a entrevista. Até lá, o hematoma já vai ter sumido. Se eu chegar até lá, claro.

— Mas é claro que você vai chegar até lá — garante Nicole.

A verdadeira fé pode deixar a gente confuso.

Eu tento esconder, mas cheguei no ápice da excitação. Não é a mesma de ontem ou antes de ontem: à medida que se aproxima a hora do teste, o medo toma conta de mim. Sexta, quando a gente começou a fazer a revisão, eu não fazia ideia do quanto eu estava defasado. Quando a ficha caiu, entrei em pânico. Mas a visita das meninas, que tinha me contrariado por me fazer perder tempo de preparação, não foi uma distração tão ruim.

Logo que entrou, Gregory apontou para minha testa dizendo:

— E então? As pernas do Vovozinho perderam a força?

“Vovozinho”, essa é piada dele. Geralmente, nesses casos, Mathilde, minha filha mais velha, lhe dá uma cotovelada nas costelas, porque ela acha que eu ando suscetível. Na minha opinião, ela devia mais era enfiar a mão na fuça dele. É que faz quatro anos que se casaram e, durante esses mesmos quatro anos, sempre tive vontade de fazer isso. De toda maneira, um sujeito que se chama Gregory... Ainda por cima, ele penteia o cabelo para trás, esse cara é estranho. Para minha filha, não é incômodo nenhum transar com um babaca, para mim, sinto muito, isso me deixa incomodado. Nicole tem razão. Fiquei, sim, suscetível. Ela diz que é um dos efeitos da inatividade. Até que eu gosto dessa palavra, mesmo que

não seja a primeira a vir à cabeça quando acordo às 4 horas da manhã para alguém meter o pé na minha bunda.

Mathilde é professora de inglês, uma menina bem normal. Tem uma paixão inexplicável pela vida cotidiana. Fica entusiasmada com tudo do dia a dia: fazer compras, imaginar o que preparar para as refeições, pensar em procurar, com oito meses de antecedência, um lugar para passar as férias, lembrar do nome dos filhos de todas as amigas, dos aniversários de todo mundo, planejar cada gravidez. Essa facilidade para preencher a vida me deixa estupefato. A exaltação que a gestão da banalidade lhe traz é algo realmente fascinante.

Seu marido, Gregory, é gerente de uma agência de empréstimos. Ele empresta dinheiro para as pessoas comprarem um monte de troços, aspirador, carro, televisão. Móveis para jardim. Pelo panfleto, os juros parecem ser honestos, mas você sempre acaba reembolsando três ou quatro vezes o valor do que pegou emprestado. E, se você tiver alguma dificuldade para reembolsar, muito fácil, a gente empresta de novo, só que aí, para reembolsar, você acaba pagando trinta vezes o valor do empréstimo. Normal. Eu e meu genro já passamos jantares inteiros arrancando as tripas um do outro. Ele é a representação de praticamente tudo o que eu detesto, virou um verdadeiro drama familiar. Nicole pensa mais ou menos como eu, mas ela é mais educada e, como ela trabalha, não passa todo seu tempo remoendo essas coisas. No meu caso, um jantar com meu genro e eu fico três dias solitariamente enfurecido. Retomo a conversação do dia anterior como quem retoma cada detalhe de uma partida.

Quando vem aqui em casa, Mathilde costuma ficar na cozinha conversando comigo, enquanto acabo os preparativos. Normalmente, ela aproveita para lavar o que está largado na pia. É mais forte que ela, não consegue evitar. Como se estivesse na casa dela. Na casa das amigas, provavelmente, ela acha os copos, os talheres, sem nem

precisar procurar. Deve ter alguma espécie de sexto sentido. Fico admirado com ela, francamente.

Ela passa por trás de mim e me beija atrás da orelha, como faria uma namorada.

— Então, trombou com a cabeça?

Sua compaixão poderia me deixar mal, mas foi expressa com gentileza, até que me faz bem.

Vou responder, mas toca a campainha. É Lucie. Minha segunda filha. Seus seios são bem pequenos, motivo de muito sofrimento para ela. Todos os homens sensíveis se comovem com isso, mas vá explicar algo assim para uma moça de vinte e cinco anos. É magra, agitada, impaciente. Nela, a razão nem sempre prevalece, ela se deixa levar pela paixão. Não custa nada para ficar com raiva, nem para dizer coisas de que se arrepende logo em seguida, tem mais amigos antigos que a irmã, que nunca fica brava com ninguém. Lucie é mais do tipo que daria uma cabeçada em Mehmet, Mathilde, mais do tipo que iria propor passar um pouco de base nele.

Lucie está sozinha hoje. Sua vida é complicada. Ela beija a mãe e surge na cozinha como um furacão doméstico. Levanta a tampa da panela.

— Botou umas gotas de limão?

— Não sei, a vitela é com sua mãe.

Lucie mete o nariz na panela. Falta limão. Ela se oferece para fazer o molho bechamel. Eu recuso, com diplomacia.

— Prefiro fazer, eu mesmo.

Na verdade, todo mundo sabe, esse tal desse molho branco é a única coisa que eu sei fazer. Ou seja, para tomá-lo de mim...

— Acho que a gente finalmente encontrou, é esse — diz Mathilde num tom guloso.

Lucie franze a testa, espantada. Não faz a mínima ideia de qual é o assunto. Por compaixão, faço cara de espanto também.

— Não me diga!?

Lucie finge estar aflita, mas está rindo por dentro.

Nossas filhas são o resultado de um verdadeiro cruzamento dos pais. Lucie parece comigo fisicamente, mas tem o temperamento da mãe, Mathilde é o oposto. Lucie é cheia de vida e aventureira. Mathilde é uma trabalhadora que fica resignada rapidamente. Ela tem coragem e energia e não espera demais da vida. Basta olhar para seu marido. Viu que tinha facilidade com o inglês, não saiu procurando por aí, virou professora de inglês. Igualzinha a mim. Já Lucie é mais fantasiosa. Estudou história da arte, psicologia, literatura russa e não sei mais o quê, não sabia que rumo tomar, ficava fascinada com tudo. Ela obtinha sucesso em estudos que nunca terminava, trocava de planos tanto quanto de relacionamentos. Mathilde obtinha sucesso nos estudos porque os tinha começado e se casou com um namorado de colégio.

Para a surpresa de todos, embora a gente acreditasse que ela não tivesse talento para atividades intelectuais que demandam rigor e minúcia (ou justamente por causa disso), Lucie virou advogada. Ela defende mulheres vítimas de agressão. Nesse setor é como na funerária ou na fiscalização dos impostos, sempre vai ter trabalho, mas ela está longe de fazer fortuna.

— Tem dois/três quartos, fica no 19° *arrondissement* — continua Mathilde, absorta no seu assunto —, perto da estação Jaurès. Não é bem a região que a gente tinha em mente, mas... É bem iluminado, eu acho. E, para Gregory, é muito prático, a linha do metrô que ele pega passa ali.

— Quanto? — pergunta Lucie.

— Seiscentos e oitenta mil.

— Uau, baratinho não é...

Fico sabendo que eles só têm 55 mil euros para dar de entrada e que, apesar dos contatos de Gregory no setor bancário, não vai ser fácil conseguir um empréstimo.

Essas coisas me fazem sentir mal. Antes, eu era o “papai que ajuda”. Me pediam sem cerimônia, eu fazia cara feia, soltava uns suspiros de escravo, emprestava somas que nunca me devolviam, e sabiam que aquilo me deixava contente. É bom ser útil. Hoje em dia, o estilo de vida que a gente leva, eu e Nicole, se restringe ao mínimo necessário e isso se vê em tudo: no que temos, no que vestimos, no que comemos. Tínhamos dois carros porque parecia ser mais prático, mas principalmente porque isso não era uma questão. Com o passar dos anos, nosso nível de vida tinha se elevado graças à conjugação de nossas respectivas promoções no trabalho com os sucessivos aumentos no salário. Nicole se tornou vice-diretora do centro de documentação e, eu, gerente de RH do grupo Bercaud e filiais. Olhávamos com confiança para os anos que viriam, que veriam o término do financiamento do nosso apartamento. Por exemplo, desde que as meninas tinham saído de casa, Nicole estava com vontade de reformar o apartamento: manter um só quarto de hóspedes, derrubar a parede da sala para juntar com o outro quarto, deslocar o encanamento da cozinha para poder colocar a pia debaixo da janela, etc. Então a gente economizou. O plano era simples: liquidar o financiamento do apartamento, fazer a reforma com pagamento à vista e sair de férias. A autoconfiança era tamanha que a gente adiantou os planos. Ainda faltavam alguns anos para o fim do financiamento do apartamento, mas, como a gente tinha dinheiro, a gente começou a reforma. Primeiro, a cozinha. Quanto às datas, é muito fácil fazer a reconstituição: os pedreiros começaram a quebrar no dia 20 de maio, fui demitido no dia 24. Paramos imediatamente a reforma. Daí em diante, a seta apontou para baixo e não se moveu mais. Como a cozinha já estava inteira em pedaços, da canalização ao piso, tive de me virar na bricolagem. Montei um suporte para a pia com dois blocos de gesso, improvisei na tubulação. E, como era provisório, a gente comprou três armarinhos de cozinha que eu mesmo fixei na parede. Foram os mais baratos, portanto, os mais

feios. Portanto, os mais frágeis. Sempre fico com medo de colocar louça demais dentro deles. Também forrei com linóleo o chão que tinha ficado no cimento bruto. A gente troca o linóleo uma vez por ano. Geralmente, faço disso uma surpresa para Nicole. Abro a porta com um gesto largo e digo: “Cozinha nova”. Em geral, ela responde algo como: “Brindemos com uma meia-garrafa de espumante”. A gente sabe que esse tipo de humor não é dos melhores, mas a gente faz o que pode.

Quando as indenizações e o seguro-desemprego não eram mais suficientes para liquidar o financiamento, a gente tirou das reservas da reforma. E, quando as reservas da reforma se esgotaram, ainda faltavam quatro anos de parcelas para que o apartamento fosse nosso. Nicole disse que era necessário vendê-lo e comprar um menor, um que a gente não precisasse financiar. Não aceitei. Trabalhei vinte anos para poder ter um apartamento desses, não consigo me conformar com a ideia de vendê-lo. E, quanto mais o tempo passa, menos Nicole se sente no direito de retomar essa conversa. Por enquanto. Mas ela vai acabar tendo razão. Principalmente se minha história com a Transportadora desandar. Não sei se a gente vai ser capaz de preservar nossa dignidade aos olhos das nossas filhas. Hoje elas se viram por conta própria. Deixaram de poder me agradar pedindo dinheiro emprestado.

Meu molho bechamel deu certo. Está como de costume. E, todos ao redor da mesa, estamos como de costume. Antigamente, nossas conversas previsíveis, nossas piadas repetidas, nada disso me incomodava, mas faz um ou dois anos que tudo me parece insuportável. Reconheço, perdi a paciência. Ainda mais essa noite, que eu estou morrendo de vontade de adiantar a novidade para as meninas: me convocaram para um trabalho que é a minha especialidade, faz quatro anos que não tenho uma oportunidade dessas, vou fazer os testes dentro de dois dias e depois tem uma entrevista, eu vou botar para quebrar e, daqui a um mês, minhas

filhas, o pai que vocês ficam lastimando não vai passar de uma lembrança. Em vez disso, fico calado. Nicole sorri para mim. Ela é supersticiosa. E está contente. Seu olhar me passa tanta confiança!

— Então, esse cara — explica Gregory — entrou para o curso de direito. E sabe o que foi a primeira coisa que ele fez?

Ninguém sabe. Exceto Mathilde, que não quer estragar o show do marido. Quanto a mim, eu não estava realmente escutando, eu sei que ele é um idiota.

— Processou a faculdade! — diz admirado. — Ele comparou a sua taxa de matrícula com a do ano anterior e estimou que o aumento era ilegal, injustificado, porque não tinha ocorrido nenhum “aumento significativo dos serviços prestados aos estudantes”.

Em seguida solta uma gargalhada destinada a ressaltar o sabor da anedota.

Misturando no íntimo convicções de direita e fantasias de esquerda, meu genro adora histórias desse gênero, são tantas que transbordam dele: paciente que ganha causa contra o psicanalista, irmãos gêmeos se detonando diante do tribunal, mãe de família numerosa atacando os filhos. Em certas variantes, os clientes ganham de um supermercado ou são reembolsados por uma contravenção de uma indústria automobilística. Mas meu genro atinge um nível quase orgástico quando algum usuário ganha do Estado. Ora é a sociedade nacional das estradas de ferro, a SNCF, sendo condenada por uma catraca estragada, ora a Receita tendo de reembolsar o selo usado no envio de uma declaração de renda, num outro momento é uma escola pública perdendo para um pai que, após ter efetuado um comparativo das notas dos alunos, estima que seu filho foi gravemente prejudicado numa dissertação sobre Voltaire. O júbilo de Gregory é proporcional à futilidade do motivo da queixa. Assim ele demonstra que o direito permite que se renove ao infinito a justa luta de Davi contra Goliath. Segundo meu genro, é um combate grandioso. Ele está convencido de que o direito é a mão armada da

democracia. Depois de conhecê-lo um pouco melhor, a gente fica feliz por ele trabalhar num banco. Magistrado, esse sujeito teria gerado danos inimagináveis.

— O que eu acho é que isso é preocupante — comenta Lucie.

Gregory, dando uma palestra sobre direito sem nenhum acanhamento, na frente de Lucie, uma advogada, se serve mais um pouco do vinho Saint-Émilion que trouxe, reluzente de satisfação por ter iniciado uma discussão fascinante ao longo da qual sua teoria vai demonstrar sua indiscutível superioridade.

— Muito pelo contrário — diz ele, sabiamente —, me tranquiliza saber que a gente pode ganhar mesmo sendo mais fraco!

— Isso quer dizer que você pode me atacar porque você acha que a vitela está sem sal?

Todos os olhares se voltam para mim. Talvez tenha sido a minha voz que deixou todos em alerta. Mathilde me suplica em silêncio. Lucie começa a se regozijar.

— Está sem sal? — pergunta Nicole.

— É apenas um exemplo.

— Você podia ter escolhido outro.

— Quanto à vitela, fica difícil dizer — consente Gregory. — Mas é o princípio que conta.

Apesar do comportamento de Nicole, sinceramente preocupada, eu resolvo não ceder terreno.

— Para mim, o princípio é exatamente o que me incomoda. Acho ele completamente idiota.

— Alain... — tenta Nicole, colocando a mão espalmada sobre a minha.

— “Alain”, “Alain” o quê?

Fico muito nervoso, mas ninguém entende por que a tal ponto.

— Você está enganado — retoma Gregory, porque não pode abandonar um tema quando está se sentindo com tudo. — Essa história mostra que qualquer um (ele enfatiza o “qualquer um”, para

que cada um de nós tome consciência da importância da conclusão), absolutamente qualquer um pode ganhar se tiver a energia necessária para fazê-lo.

— Ganhar o quê? — pergunta Lucie para acalmar o jogo entre nós.

— Ora — gagueja Gregory, que não estava esperando por um golpe baixo desses —, ora, ganhar...

— Tanta energia por causa de um selo ou de trinta euros de taxa de matrícula, não vejo muito sentido nisso. É uma energia que podia ser empregada em causas mais generosas, não?

E eis a situação, em traços gerais. A partir dali, Mathilde tenta socorrer o idiota do seu marido, Lucie não arrasta o pé e, alguns minutos depois, as duas irmãs estão se esfaqueando. Nicole acaba dando um murro na mesa, mas sempre com um pouco de atraso em relação ao que seria um bom *timing*. E, quando estamos finalmente a sós, ela fica emburrada até não aguentar mais. Então chega sua vez de explodir e, depois das crianças, são os pais que brigam.

— Você é mesmo um saco! — diz Nicole.

Só com a roupa de baixo, ela bate a porta do guarda-roupa e desaparece no banheiro. Não dá para ver nada além do bumbum através da calcinha, mas já está bom demais.

— Eu estava com a energia toda, reconheço.

Mas faz uns bons vinte anos que meu teatrinho não é mais motivo de riso para ela.

Quando ela retorna para o quarto, estou de novo mergulhado nas minhas fichas de estudo. Nicole põe o pé no chão novamente. Ela sabe que, com esse anúncio milagroso, estamos vivendo algo fundamental. Essa oportunidade é praticamente tudo o que resta para mim. Ao me ver na cama revisando minhas fichas, ela se acalma. Volta a sorrir.

— Pronto para o grande momento?

Ela deita do meu lado.

Delicadamente, ela pega e toma as fichas de mim, bem devagar, como quem tira os óculos do rosto de uma criança que acaba de adormecer. Então escorrega as mãos por debaixo do lençol e me encontra no mesmo instante.

Pronto para o grande momento.

## 5

*De: Bertrand Lacoste [b.lacoste@BLC-Consultoria.fr]*

*Para: Alexandre Dorfmann [a.dorfmann@Exxyal-Europe.com]*

*Segunda, 27 de abril — 9h34*

*Assunto: Seleção e recrutamento*

*Prezado Sr. Presidente,*

*Retomo aqui os principais pontos de nosso recente diálogo.*

*No decorrer do próximo ano, seu grupo deverá proceder ao fechamento das instalações de Sarqueville e, conseqüentemente, a um vasto plano de demissões.*

*O senhor deseja escolher, dentre os funcionários do alto escalão, aquele que ficará encarregado por essa difícil missão.*

*Para tal, o senhor me pediu que sugerisse uma prova avaliativa para selecionar o mais firme, o mais confiável, em suma, o mais competente dos seus executivos.*

*O plano selecionado pelo senhor foi a Simulação de “tomada de reféns”, durante a qual os funcionários a serem avaliados serão, inadvertidamente, surpreendidos por um comando terrorista armado.*

*A prova pela qual passarão nos permitirá medir o sangue-frio, a qualidade do comportamento em situação de estresse intenso e a*

*fidelidade de cada um aos valores da empresa, sobretudo quando os sequestradores exigirão que eles a traiam.*

*Como foi acordado com o senhor, associaremos esta operação àquela do recrutamento de um assistente de RH: são os candidatos a tal cargo de recursos humanos que ficarão encarregados de conduzir a simulação, o que nos permitirá avaliar sua qualificação profissional.*

*Unir as duas operações só apresenta vantagens: ao mesmo tempo em que os executivos serão avaliados, os candidatos ao cargo de RH poderão demonstrar seus talentos enquanto avaliadores.*

*Encarrego-me de recrutar as pessoas necessárias e de fazer todo o preparo do material para a encenação, cuja complexidade é, como o senhor deve saber, imensa: precisaremos de armas, atores, um local, um roteiro convincente, um dispositivo físico, fichas de observação de comportamento, etc.*

*Além disso, será necessário encontrar uma circunstância de convocação que pareça indiscutível. Para tal, Sr. Presidente, precisaremos de sua colaboração. E sua cumplicidade. No momento oportuno.*

*Proponho que essa dupla operação seja programada para o dia 21 de maio (pois precisamos de um dia em que os escritórios estejam fechados e, se o senhor me permite, uma quinta como essa, dia da Ascensão, me parece adequada).*

*Muito em breve o senhor receberá uma proposta mais detalhada.*

*Atenciosamente,*

*Bertrand Lacoste*

## 6

Nicole diz que sou sempre muito pessimista e que, no fim das contas, o que acontece sempre é melhor do que o esperado. Mais uma vez, ela tem razão. Dois dias atrás, eu estava totalmente deprimido. Não é mole: onze adultos numa sala, esperando pela arguição, como numa escolinha... Em si, nada de mais nisso (na vida, de qualquer jeito, somos permanentemente avaliados). Não, o que me deixa abalado é perceber, ao entrar na sala, que eu sou o mais velho. Na verdade, o único velho. Três mulheres e sete homens, entre vinte e cinco e trinta e cinco anos, todos me olhando de cima a baixo, como se tivessem cometido um erro na hora da convocação ou eu fosse uma curiosidade paleontológica. Dava para ter previsto isso, mas, mesmo assim, é desanimador.

Somos recebidos por uma moça com um nome polonês, Olenka não-sei-o-quê. Bonita, tipicamente polonesa, ofuscante. Gelada. Congelante. Não sei o que faz na BLC, ela não disse nada. Mas, pela sua postura autoritária, seu estilo bem diretivo, fica claro que ela dá tudo de si, venderia a alma para mostrar que tem credibilidade. Deve estar fazendo um estágio não remunerado. Nas suas costas, uma pilha de pastas: são as provas que ela vai distribuir em alguns minutos.

Ela começa por uma introdução: fomos, os onze, selecionados entre cento e trinta e sete candidatos. Por um milésimo de segundo,

paira no ar uma sensação silenciosa de triunfo. Excitante. Em seguida, ela apresenta o cargo oferecido, sem revelar o nome da sociedade para a qual estão recrutando. O trabalho que descreve está tão de acordo comigo que, durante sua breve atuação, já faço uma projeção mental de ter sido o felizardo a conseguir a vaga.

Mas pouso na terra rapidamente, logo que são entregues as pastas com trinta e quatro páginas de perguntas abertas, fechadas, semiabertas, meio fechadas, três quartos abertas (vai saber como vão analisar isso) e três horas diante da gente.

Fui pego desprevenido.

Trabalhei duro na legislação, principalmente, mas o questionário é mais orientado para “*management*, formação e avaliação”. Preciso cavar lá no fundo, procurar no meu estoque de informações que parecem ser da época do Dilúvio. Enferrujei, com esse tempo todo afastado. Dos novos métodos, das últimas manias que descobri com Nicole dois dias atrás, não incluí nada ainda. Não consigo usar isso tudo em contexto, nos casos específicos que são propostos. Às vezes, me jogo numa resposta tentando encaixar as expressões da moda da melhor forma possível, é tudo o que eu posso fazer. Encher linguiça.

No decorrer da prova, percebo o quanto minha letra está ruim, quase ilegível às vezes, preciso ter mais capricho com as questões abertas. É quase um alívio quando só tem de fazer cruzinha. Um verdadeiro macaco. Enfim... um macaco velho.

À direita, está sentada uma moça de uns trinta anos que me lembra Lucie, vagamente. No início, tentei um sorriso de cumplicidade. Ela me olhou de cima a baixo como se estivesse sendo assediada.

No fim da prova, estou exausto. Todos os candidatos saem, trocamos uns acenos com a cabeça, como vizinhos distantes que se cruzam quase por acidente.

De fora, o tempo está bom.

Bem que poderia ser um bom tempo de vitória.

Caminho em direção ao metrô e cada passo me deixa mais para baixo, é como uma lenta tomada de consciência, camada por camada. Deixei um monte de questões em branco. Quanto às outras, as melhores respostas começam a me vir à cabeça só agora, bem diferentes das que eu tinha dado. Os mais jovens se sentem em casa nesses concursos. Eu, não. Era uma competição destinada a uma faixa etária à qual não pertencço. Tento contar exatamente em quantas questões me enganei, mas perco a conta.

Ao sair, eu estava apenas cansado. Ao chegar no metrô, tinha me afundado novamente numa angústia terrível. De fazer chorar. Acabo de entender que eu não vou conseguir sair dessa. No final, é uma cabeçada na cara de Mehmet que me parece ser a solução, a única que se adapta a tudo o que está acontecendo comigo. Alguns terroristas jogam caminhões recheados de explosivos para cima das escolas, outros colocam bombas de fragmentação em aeroportos, e eu me sinto estranhamente conivente com eles. Mas, em vez de fazer algo semelhante, o que eu faço é me deixar iludir. Sempre jogo o jogo deles. Um anúncio? Respondo. Provas? Faço. Entrevistas? Compareço. Precisa esperar? Espero. Tem de voltar? Volto. Sou um sujeito conciliador. Com gente como eu, o sistema tem toda a eternidade pela frente.

Cá estou eu no metrô, totalmente abatido. É fim de tarde, está mais cheio. Normalmente, atravesso a estação ladeando as máquinas de venda automática. Não sei por que, mas, desta vez, estou andando do outro lado da plataforma, sobre a faixa branca que não se deve ultrapassar pelo risco de ser atingido pelo trem. Estou parecendo bêbado, com a cabeça rodando. De repente, um vento forte à minha esquerda. Não senti, não ouvi o trem chegar. Por poucos centímetros os vagões não raspam em mim. Ninguém nem gesticulou para mim. De qualquer maneira, aqui, todo mundo vive perigosamente. Meu telefone vibra no bolso. É Nicole me chamando pela terceira vez. Ela quer notícia, mas não tenho forças para atender. Passo uma

hora num banco da estação, observando os milhares de passageiros que se espremem para voltar para casa. Finalmente resolvo subir no metrô.

Um homem, bastante jovem, entra bem atrás de mim, mas fica de pé no fundo do vagão. Logo que o trem começa e se mover, ele começa a berrar para ser escutado mesmo com o assobio dos trilhos na curva. Recita sua história tão rápido que só algumas palavras vêm à tona. Dá para ouvir “hotel”, “trabalho”, “doente”, ele fede a álcool, fala de vale-refeição, de ticket de metrô, diz que ele quer trabalhar, mas é o trabalho que não o quer, e mais umas outras palavras vêm à tona do seu discurso apressado: tem filhos, não é “mendigo”. Os passageiros observam fixamente os próprios sapatos ou mergulham os olhos num jornal gratuito qualquer enquanto o sujeito passa com seu copinho de isopor da rede de cafeterias Starbucks. Aí ele deixa o vagão e sobe no próximo.

Sua atuação me dá o que pensar. Às vezes a gente dá algo, às vezes não dá nada. Os sem-teto para quem a gente dá algo são aqueles que sabem comover, que encontram as palavras que são capazes de tocar a gente. A conclusão vem feito um tapa: no final, mesmo no meio dos excluídos, são os mais eficientes que sobrevivem, porque conseguem se destacar entre os concorrentes. Se eu acabar sem-teto, não estou tão certo de fazer parte dos que conseguem subsistir, como Charles.

De noite, em casa, não tem como eu não estar muito cansado, porque, tendo levantado às 4 horas, fiz meu turno matinal na Transportadora antes de ir fazer o teste da BLC-Consultoria. Na verdade, não disse para Nicole, mas não vou aparecer tão cedo lá na Transportadora. Depois da cabeçada em Mehmet e dos meus dois dias de afastamento, na segunda-feira, me receberam por lá com uma carta “a ser entregue em mãos e exigir assinatura”. Fui demitido. Um desastre, porque a gente anda precisando demais desse dinheiro.

Saí voando para o Polo Empregatício para ver se meu conselheiro tinha achado alguma coisa que desse para mim. O normal seria que eu fosse direto à APEC, a Agência Por Empregos de Chefia, mas ela não oferece nenhum trabalhinho ingrato. Prefiro o departamento dos trabalhadores de baixo escalão. São dois degraus abaixo. A gente tem um pouco mais de chance de sobreviver.

Como eu não tinha horário marcado, ele me atende no saguão situado entre a sala de espera e os biombos que servem de escritório. Explico simplesmente que a Transportadora não precisa mais de mim.

— Eles nem me ligaram — diz ele surpreso.

Com sua idade, podia ser meu filho, mas eu não gostaria disso, realmente. Mas ele me trata como se fosse seu pai.

— Eles ainda vão. Enquanto não ligam, será que você não tem alguma coisa que eu possa começar bem depressa?

Ele aponta para os murais de anúncios.

— Está tudo aí. No momento a gente não tem quase nada.

Se eu tivesse um Certificado de Aptidão Profissional, um CAP, por exemplo, de operador de empilhadeira, ou um BEP, um Brevê de Estudos Profissionais, de cozinheiro, talvez, assim seria mais fácil para manter o fluxo de caixa. Acaba que eu tenho que buscar empregos não qualificados, mas aí é meu ciático que me desqualifica para os raros trabalhos ofertados. No caminho para a saída, aceno para ele através da vidraça do escritório. Está atendendo uma moça de uns vinte anos. Em resposta, ele olha para mim, com um ar de incômodo, como se mal me conhecesse e estivesse com dificuldade para me reconhecer.

No dia seguinte, recebo uma carta registrada da advogada da Transportadora. Estudei um pouco para compreender melhor o caso e não tem nada de complicado: bati no meu chefe, o qual nega ter metido o pé na minha bunda. Ele disse que passou bem perto, mas que mal esbarrou em mim. O pior não é ser mandado embora, e,

sim, parar provavelmente no tribunal por agressão voluntária. Mehmet está de posse de um certificado médico imbatível, que especifica a aparição de uma dor capaz de deixá-lo inválido e outras eventuais sequelas que devemos temer. Evoca dificuldades de equilíbrio e orientação e um choque pós-traumático grave, com repercussões de difícil avaliação.

Ele reclama 5 mil euros de indenização pelos danos.

Próximo dos sessenta anos, levei uma pesada na bunda, de um protótipo de soldadinho, mas parece que cometi um “grave atentado ao princípio hierárquico da empresa”. Nada mais do que isso. Abalei a ordem social. No que diz respeito à Transportadora, estão pedindo 20 mil euros de indenização. Cinquenta meses do salário que não recebo mais.

Nicole, meu amor, está sujeita a duras provas comigo. Já teve sua dose. Escolhi não falar nisso com ela. O que contei da prova de recrutamento fez com que ela se sentisse obrigada a gastar as últimas energias do seu dia para me encorajar a esperar o resultado: ninguém é um bom juiz de si mesmo, não dá para saber se os mais novos se saíram melhor, não é porque eles estavam com cara de confiantes que deram respostas melhores, ainda mais que, nas questões abertas, é a experiência que vai fazer a diferença, e experiência eles não têm, e, aliás, se os recrutadores convocaram você, é exatamente porque estão esperando por uma forma mais refletida, mais consolidada dos temas. Conheço todas essas palavras de cor. Amo loucamente Nicole, mas essas palavras aí eu odeio.

De noite, ela acabou encontrando o sono. Me levantei bem de leve para não acordá-la. Faço isso quando não consigo dormir, me visto e saio, dou uma volta no bairro. Virou um tipo de ritual meu nos últimos anos. Dessa vez, vou um pouco mais longe que de costume. Meu inconsciente está assimilando cenas traumáticas. Aquela do metrô no fim da tarde talvez: eu me encontro longe de casa, perto da estação do RER. As portas dos túneis de pedestres estão

abertas, o frio pede passagem com as correntes de vento. As lixeiras estão transbordando, o chão de cimento está cheio de latas de cerveja. Um neon carregado inunda a estação. Empurro com a mão uma pequena placa de metal onde está escrito “acesso restrito a funcionários”, desço por uma escadinha. Cá estou eu nos trilhos, em plena luz. Não tenho a impressão de estar chorando, mas as lágrimas escorrem mesmo assim. Estou de pé. Com os pés fincados no cascalho, as pernas afastadas. Esperando o trem.

Tudo isso para nada.

Hoje de manhã, quando vi o envelope com a logomarca da BLC-Consultoria, levei um susto. Eu não contava que fosse chegar nada em menos de uma semana, e não levou nem três dias. Abri o envelope com tanta pressa que rasguei uma parte da carta.

Porra, que merda.

Subo no apartamento, desço de novo correndo e é meio-dia num instante, faz quase uma hora que espero andando de um lado para o outro na rua, feito um gato nervoso, Nicole finalmente chega, me vê de longe, ela pressente a boa nova pelo meu comportamento, se aproxima sorrindo, entrego a carta para ela, mal a lê e diz imediatamente “meu amor” e sua voz para por aí. Subitamente, me vem uma convicção absoluta de que um milagre acaba de se produzir nas nossas vidas. Estamos, ambos, chorando. Vou resistir, mas já estou com vontade de ligar para as meninas. Principalmente para Mathilde, não sei por quê. Provavelmente porque, das duas, é ela a mais normal, a que sabe julgar no ato.

Contrariando todas as expectativas, passei no teste.

Qualificado.

Entrevista individual: quinta-feira, 7 de maio.

Incrível, qualificado!

Nicole me abraça forte, mas não quer fazer um show na porta do centro de documentação. Dou três beijinhos em algumas das suas colegas que estão saindo para almoçar, distribuo apertos de mão.

*image  
not  
available*

o que se seguiu veio naturalmente. Deixei alguns segundos passarem e soltei:

— Entendi.

Ele se assustou.

— Você entendeu o quê?

— Vai dar uma de “informal”.

— Desculpe?

— Eu disse que você vai dar uma de “descontraído”, do tipo “a circunstância é profissional, mas, antes de tudo, somos humanos”. Não é isso?

Ele me metralhou com o olhar. Parecia realmente furioso. Senti que eu estava começando bem.

— Você conta com o fato de termos mais ou menos a mesma idade para ver se vou cair numa atmosfera de familiaridade, e, como vê que percebi o jogo, você me metralha com os olhos para ver se vou entrar em pânico e ficar acuado.

Sua fisionomia ficou mais leve. Abriu um sorriso largo:

— Bom... Isso é que é saber preparar o terreno, é ou não é?

Não respondi.

Jogou o copo descartável na lixeira.

— Então, passemos ao que interessa.

Ele foi à frente no corredor, mais uma vez a passos largos. Eu me sentia o próprio soldado confederado nos minutos que precedem o ataque do inimigo.

Ele conhece bem seu trabalho e estuda os dossiês dos candidatos com sagacidade. Localiza toda e qualquer fraqueza do currículo, basta que uma fraqueza do sujeito seja pressentida que ela será explorada.

— Aí ele continuou me testando, mas não era mais no mesmo tom.

— Ele disse a você para quem estava recrutando? — perguntou Nicole.

*image  
not  
available*

continuar, está me escutando? Eu vou fazer o que estão mandando. Tudo o que mandarem! Eu vou fazer o que for preciso para conseguir esse trabalho! Se tiver de atirar em alguém, eu atiro, porque eu estou de saco cheio de ir morrendo e... porque eu estou de saco cheio de, com sessenta anos nas costas, meterem o pé na minha bunda!

Perco o controle.

Pego o armário à minha direita e puxo com tanta violência que ele se despreza da parede. Tudo desaba, pratos, xícaras, fazendo uma barulheira terrível.

Nicole solta um grito e se põe a chorar com as mãos no rosto. Mas eu não tenho mais força para consolá-la. Não aguento mais. No fundo, isso que é terrível. A gente passa quatro anos lutando para manter a cabeça fora da água e, um belo dia, a gente percebe que está tudo acabado. Sem se dar conta, cada um se fechou no seu casulo. Porque, mesmo no melhor dos casais, cada um vê a realidade à sua maneira. É isso que eu tento dizer para ela. Mas estou tão furioso que me exprimo mal.

— Você é capaz de ter moral e escrúpulos porque você tem um emprego. Comigo, é o inverso.

Nada formidável uma frase dessas, mas, dadas as circunstâncias, fiz o melhor que pude. Acho que Nicole entendeu o sentido geral. Não espero para verificar. Bato a porta e vou embora.

Embaixo, saindo do prédio, percebo que esqueci o casaco.

Está chovendo. Faz bastante frio.

Levanto a gola da camisa.

Como um mendigo.

medo de nós. Mathilde presenteia a mãe com um colete. Puta que pariu, um colete. Não sei exatamente quando isso começou, mas já faz vários meses que só nos dão presentes úteis. Se perceberem que quebrei a louça toda, vou acabar ganhando meia dúzia de pratos fundos no aniversário.

Durante a sobremesa, Mathilde anuncia com orgulho que eles assinaram o contrato de compromisso de compra do apartamento. Ainda estão um pouco em dúvida em relação ao banco, mas Gregory estampa um sorriso vaidoso, seguro de que ele resolve isso. Estão ajeitando a papelada e estarão na casa própria nas férias. O meu desejo, em silêncio, é que consigam pagá-lo.

Quando decido acertar a conta, constato que Lucie tinha sido mais rápida, sem que ninguém percebesse. Ambos fingimos que isso não significa nada de mais.

— Posso ajudar você com qualquer coisa, Alain — diz Nicole antes de se deitar —, mas essa tomada de reféns, isso não é compatível com quem eu sou. Não aguento nem ouvir falar. Não me obrigue a conviver com isso.

Ela se vira para a parede no mesmo instante. Fico triste, não tenho esperança de que se convença do contrário.

Aliás, não posso perder tempo. Começo a refletir sobre a prova final. Porque, se eu ganhar, mesmo que por métodos contestados por ela, nossas desavenças não serão nada além de más lembranças.

É por esse lado que é preciso ver as coisas.

## 9

Agora que não trabalho mais na Transportadora, pensei que ia ser custoso me levantar às 4 horas da manhã; de jeito nenhum. Na verdade, mal estou dormindo, virei uma verdadeira pilha elétrica, e sair da cama é quase um alívio. Nicole tem o hábito de grudar em mim enquanto dorme, é para me segurar, é um jogo entre nós. A gente segura, finge que vai soltar, e agarra de novo. Nunca conversamos a respeito, mas tem vinte anos que a gente faz isso.

Na manhã de hoje, sei perfeitamente que ela não está dormindo. Mas fica cada um na sua bolha. Parece combinado, ninguém encosta em ninguém.

Como o programado, chego um pouco adiantado na Transportadora. Conheço os caras das outras equipes e, como não quero nem perguntas nem a compaixão deles, acho um canto de onde vigiar a entrada e fico à espreita da grande carcaça desengonçada de Romain. Mas é o perfil cambaleante de Charles que se desenha na esquina. Não sei como ele faz, deve beber dormindo: não são nem 5 horas da manhã, e o bafo dele já está mais carregado que um cargueiro. Mas conheço bem esse Charles, mesmo pegando pesado no álcool, é forte como um touro. Apesar de

Nem vale a pena continuar. Está se fazendo de surpreso por algo que todo mundo sabe e comenta já há uns três dias provavelmente. Se queria me enganar, não conseguiu.

— Se eu parar no tribunal, seu testemunho pode ser bastante útil para mim.

— Claro, meu velho!

Melhor desistir, mesmo. Se ele tivesse demonstrado alguma resistência em testemunhar a meu favor, talvez eu ainda tivesse chance. Mas desse jeito... Romain tomou sua decisão. Dois dias antes de testemunhar, ele vai sumir do mapa. Verifico mesmo assim.

— Obrigado, Romain. De verdade, muito obrigado, muito gentil da sua parte!

*Touché.* Ele percebeu a ironia. O silêncio de um milésimo de segundo que precede sua resposta é a confirmação de tudo o que eu temia.

— Não tem de quê, meu velho!

Desligo, um pouco abatido. Cogito por um instante na proposta de Charles. Se eu pedir, ele vai perder o emprego, mas vai fazer isso por mim. Na minha opinião, não vão ver uma gota de credibilidade nele, não vai adiantar para nada. Mesmo assim, se eu não tiver mais nenhuma opção, é o que eu vou fazer. Sem dúvida.

Sobre a minha cabeça, a espada de Dâmocles acaba de subir um pouco mais e, quanto maior a altura, maior o estrago que vai fazer quando cair. Sinto uns pensamentos selvagens passarem por mim.

Por que querem fazer isso comigo?

Por que precisam tanto segurar minha cabeça debaixo da água?

Romain, até que compreendo. Não tenho nada contra ele. No seu lugar, entre ajudar um colega e manter o emprego, não pensaria duas vezes antes de escolher. Mas a Transportadora...?

Passei a noite formulando várias respostas possíveis. Dadas as circunstâncias, escolhi a contrição. Vou escrever um pedido de desculpas. Podem pregar cópias nas suas instalações, enviar para

O dossiê detalha seus estudos, carreira, percurso, responsabilidades. Mentalmente, calculo que o salário anual deles seja entre 150 e 210 mil euros.

Saio para caminhar, para raciocinar. É esse o meu truque. Sou do tipo que geralmente fica com a cabeça fervendo. Andar não me acalma, mas me dá foco. E, agora, estou quase estourando. Paro um instante, fico paralisado com o peso deste pensamento em cima de mim: ao meu redor, tudo está degradingolando cada vez mais rápido. Nicole, Romain, a Transportadora... Obter esse cargo está se tornando ainda mais indispensável. O que me tranquiliza é pensar que trabalhei mais de trinta anos e que eu acho que posso dizer que era bom no que fazia. Se continuar bom mais dez dias, entro de volta na corrida e exorcizo todos os perigos atuais. Esse pensamento me ajuda a concentrar novamente. Retomo a caminhada, mas ainda lutando para calar uma vozinha que fica girando na minha cabeça. A de Nicole. Não é exatamente a voz, mas suas palavras. É difícil para mim me suportar agindo contrariamente à sua opinião e, desde que ela me disse claramente que não estava de acordo, passei a duvidar. Minha hesitação não diz respeito aos meios a serem empregados, isso é algo que ela jamais vai entender. A vida na sua empresa é uma vida confortável. Nicole, felizarda que é, nunca vai saber até onde você tem de ir para sobreviver num meio industrial de competição. O que me incomoda na sua reação é, no fundo, que ela não esteja botando fé na situação e que talvez eu esteja me entusiasmando com chances mais virtuais que reais. Se eu me der ouvidos, vou partir para a briga em alguns minutos. E se...

Fico remoendo tudo isso, impossível passar para outra coisa. Minha preocupação é como um João-bobo, nunca baixa de uma vez por todas. Tomo uma decisão.

É a polonesinha que atende. Até que gosto do seu timbre meio dissimulado. Acho bem sexy. Eu faço minha apresentação. Não,

Aplico o princípio nº 1 do *management*: um executivo é considerado competente quando sabe antecipar os acontecimentos.

Vejo duas estratégias possíveis.

A primeira é aquela soprada pelo próprio dossiê que recebemos: ler os perfis anônimos, estudar o roteiro e imaginar, em termos absolutos, ou quase, como levar esses executivos a sucumbir sob as perguntas dos terroristas, a perder o controle, a mostrar sua covardia, a trair a empresa, seus colegas, a trair a si mesmos, etc. Clássico. Cada um vai confiar na sua própria intuição, sabendo que, numa situação igual a essa, a questão não é saber se eles vão ou não vão cometer alguma traição (com um revólver apontado para a cabeça!), mas o quanto vão trair.

Mais jovem, é essa direção que eu tomaria para me preparar. Ora, Lacoste me disse que meus concorrentes são mais jovens que eu, eles certamente vão seguir por aí.

O que me resta é optar pela segunda estratégia, a que vai fazer a diferença. Mentalmente, esfrego as mãos uma na outra.

Reza o *management* que, para se atingir uma meta, devem-se estabelecer objetivos intermediários. Para mim, são três. É imprescindível que eu saiba qual é a empresa cliente da BLC-Consultoria, em seguida, quais são esses seis executivos, nomeadamente, para apreender suas vidas, suas esperanças, suas expectativas, seus pontos fortes, mas, sobretudo, suas fraquezas, no sentido de encontrar a maneira que me dê mais possibilidade de derrubá-los.

E não tenho nem dez dias diante de mim, o que é um prazo muito curto.

Meu inconsciente me trouxe até aqui. Às portas da sede da BLC-Consultoria.

O coração de La Défense, imenso espaço erigido por arranha-céus, recheado de túneis em que passam rodovias e metrô, cobertos por esplanadas açoitadas pelo vento, onde se mantêm atarefadas e

me atende com uma voz firme:

— Senhor Delambre? Doutora Stéphanie Gilson. Em que posso ajudar?

A moça é jovem. Tenho a impressão de estar de novo ouvindo a estagiária da BLC-Consultoria. Por um instante, imagino minha filha, Lucie, nos seus trajes de advogada, atendendo um desempregado como eu, com o mesmo tom peremptório, a mesma cara enjoada. Por que todos esses jovens se parecem tanto? Talvez porque toda essa gente estúpida como eu também se parece.

Em alguns segundos, ela me confirma que fui demitido por falta grave.

— Qual falta grave?

— Agressão física contra um superior, senhor Delambre. Qualquer empresa teria demitido o senhor pelo mesmo motivo.

— E um contramestre teria o direito de meter o pé na bunda dos seus subordinados, em qualquer empresa?

— Pois é, foi o que li na sua declaração. Infelizmente, não foi bem o ocorrido.

— Como é que a senhora sabe? Meteram o pé na minha bunda às 5 horas da manhã. O que a senhora estava fazendo nessa hora?

Fiquei exaltado. O curto silêncio que se segue me confirma que a conversa logo vai ser interrompida. Preciso me redimir, preciso absolutamente encontrar uma abertura. Dou uma olhada nas minhas notas.

— Doutora Gilson, desculpe a pergunta, mas... posso saber sua idade?

— Não vejo por quê.

— É isso que me chateia. Veja bem, tenho cinquenta e sete. Estou desempregado há mais de quatro anos e...

— Senhor Delambre, não é o momento de apresentar sua defesa.

— ... eu perco o único emprego que tenho. Vocês me levam ao tribunal e...

aquático. Depois, com alguns cliques, uma, duas, três, oito janelas se abrem em leque. Mal começou e já fiquei totalmente à deriva.

— Praticamente não tem proteção. Esse povo é burro ou o quê?  
— diz Romain.

— Talvez eles não tenham nada para proteger.

Ele se volta para mim. Está aí uma noção na qual nunca tinha pensado. Tento ser mais específico:

— Eu, por exemplo, meu computador, não consigo nem imaginar o que é que teria de proteger.

— Pô, é sua vida privada...

Ficou injuriado. A ideia de que alguém não proteja seus dados, mesmo que não tenha nada de interessante ali, é chocante para Romain. Quanto a mim, é sua indignação que me deixa perplexo:

— Se você pudesse acessar a minha vida privada, você faria o que com ela? É igual à sua, igual à de qualquer um.

Romain, cético, balança lentamente a cabeça:

— Sei não — acrescenta, teimoso. — Mas a vida é sua.

Estou falando com uma porta. Deixo para lá.

— Isso aí são os clientes deles.

Uma listagem. Um segundo depois, a impressora começa a crepitar debaixo da escrivaninha. Romain envia todo um carregamento de dados para meu e-mail. Está decepcionado, queria ter encontrado mais dificuldade.

— Quer mais alguma coisa?

Tenho mais ou menos o que preciso. A listagem, bastante curta, se intitula “clientes ativos” e dá acesso a oito dossiês. Folheio rapidamente os nomes. Chego na estação République. Salto do metrô e subo para o corredor que vai para a linha que corresponde ao meu destino, mas continuo investigando a listagem que tenho nas mãos. *Exxyal*. Dou uma parada brusca. Uma moça tromba em mim e solta um grito, pulo para o lado. Dou mais uma passada de olhos na lista, verifico. *Exxyal-Europe* é a única empresa que corresponde aos

de poder que obteve sucesso em tudo. E que parece estar seguro de que, bem-sucedido assim, não possui senão o que lhe é devidamente merecido. Existem arrogâncias tão bem estabelecidas que dão uma vontade imediata de dar um tapa na pessoa. Observo os mínimos detalhes da foto. Me inclino um pouco e, à direita, posso ver meu rosto no espelho pendurado acima da lareira de canto. Retorno para a foto. Estou enxergando o contrário de mim. Eu, cinquenta e sete anos, ainda sem ter perdido meus cabelos, mesmo que estejam um tanto quanto brancos, um rosto um pouco arredondado e uma aptidão ilimitada para ficar em dúvida. Tirando a força de vontade, tudo nos diferencia.

Nas pastas da clientela de Lacoste, acho um organograma completo da Exxyal-Europe. Imprimo. Munido dos meus critérios empíricos, investigo, um por um, todos os executivos que possam corresponder à minha busca, ao fim da qual obtenho uma lista de onze candidatos em potencial. Nada mau, mas ainda é demais e é exatamente aí que reside a dificuldade. A primeira triagem sempre é a mais fácil. De agora em diante, não tenho direito de errar, a cada candidato que eu eliminar, o risco de fracassar vai alcançar seu ponto mais alto. Abro um arquivo novo, copio e colo os onze nomes e esfrego os dedos uns nos outros, como no instante de fazer as apostas numa roleta.

A porta se abre, é Nicole.

Será que hesito por causa do seu imenso cansaço ou porque ela está vestida com uma camiseta longa de dormir? Será porque ela se escora no umbral da porta e inclina a cabeça nessa posição que sempre me dá vontade de chorar? Finjo estar massageando minha testa. Na verdade, estou olhando as horas no canto da tela: são 22h40. Absorto no meu negócio, não vi a noite passar. Ergo a cabeça.

Normalmente, nesses momentos, se ela está contente, fala comigo. Se não está, eu levanto e me aproximo. Desta vez, ficamos congelados, cada um numa extremidade do cômodo.

*online*. Balança a cabeça, sem dizer sequer uma palavra. Não há nada que ela possa fazer que seja mais desesperador.

Abro a boca, mas não é necessário.

Nicole já se foi. Copio rapidamente num *pen drive* os arquivos que Romain me enviou, ligo o *laptop* na tomada para recarregar a bateria e é só o tempo de desligar o PC, fechar novamente as páginas de cortiça do meu mural, apagar a luz, que eu vou até o banheiro e chego no quarto, que encontro vazio.

— Nicole!

Minha voz, nessa noite, soa estranha. Lembra solidão. Passo na cozinha, na sala, ninguém. Chamo de novo, mas Nicole não responde.

Mais alguns passos e estou no quarto de hóspedes, que está com a porta fechada. Giro a maçaneta.

Trancada.

Cometi um erro dissimulado por uma mentira. Sinto raiva de mim mesmo. Mas é preciso ser estoico. Quando eu tiver arranjado esse cargo, ela vai lembrar que eu tinha razão.

É minha vez de ir para a cama. Amanhã, o dia vai ser longo.